

Síntese do Mercado Procafé

“A atual volatilidade das cotações de café: uma colisão de fatores”

(Resumo do mês de **maio/2022**)

Fechamentos - Mês de Maio/2022

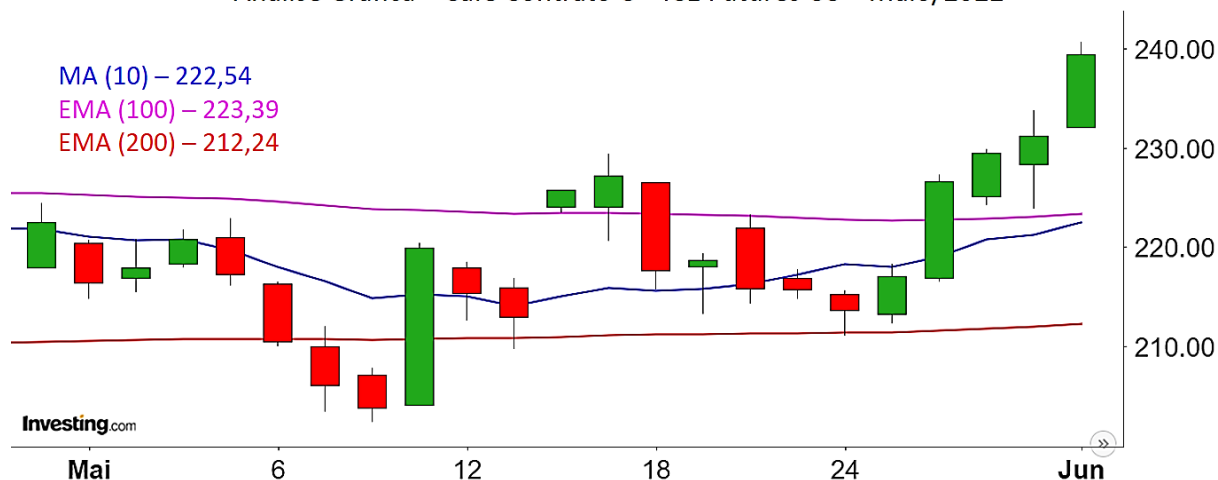
DESCRIÇÃO	MÍNIMA	MÁXIMA	ÚLTIMO DIA DO MÊS
Café CD, B/C, bebida mole, tipo 6 (R\$/sc)	R\$1.300,00	R\$1.380,00	R\$1.380,00
Café B/C, bebida dura p/ melhor, tipo 6/7 (R\$/sc)	R\$1.190,00	R\$1.280,00	R\$1.280,00
Café B/C, bebida rio, tipo 7 (R\$/sc)	R\$1.060,00	R\$1.130,00	R\$1.130,00
Café Conilon, B/C, tipo 7 (R\$/sc)	R\$690,00	R\$780,00	R\$690,00
Bolsa NY - ICE US (cents/lb)*	203,80	231,25	231,25
Bolsa SP - [B] ³ - tipo 4/5 (USD/saca)**	252,25	285,30	285,30
Bolsa Londres - ICE Europe - Conilon (USD/ton)*	2009,00	2137,00	2063,00
Câmbio - PTAX - USD/R\$	R\$4,7216	R\$5,1482	R\$4,7289

Fontes: Principais praças de café, [B]³, ICE Futures US, ICE Future Europe, BCB.

*Contrato/Mês: Julho/2022

**Contrato/Mês: Setembro/2022

Análise Gráfica – Café Contrato C – ICE Futures US – Maio/2022



Fonte de dados: Investing.br

Análise Técnica: Fundação Procafé

Fatores de sustentação ao mercado:

1. Durante o mês de maio, conforme previsto na síntese do mês passado, mercado extremamente volátil, com fundos extremamente atentos e sensíveis ao mercado de clima que chega com o inverno brasileiro. Após um início de mês de retração, com as cotações de Nova Iorque se aproximando dos níveis de 200 cents/lb, uma massa de ar

- polar, embora não muito comum no mês de maio, levantou a possibilidade de afetar algumas regiões cafeeiras no Brasil, com temperaturas indo abaixo de níveis normais, levando, assim, os fundos a adotarem uma posição de maior segurança contra uma eventual geada.
2. É importante ressaltar que até o início do mês de agosto, o mercado deve seguir apreensivo e vulnerável ao inverno brasileiro, sobretudo, após um ano de geadas tal como o de 2021. Em palestra realizada ao CNC - Conselho Nacional do Café, o meteorologista Luiz Carlos Baldicero Molion, abordou o cenário climático para regiões do Sul de Minas, Mogiana Paulista, Cerrado Mineiro, Espírito Santo e Bahia. Segundo o CNC, Molion expôs que as tendências de clima, tanto para safra 2022/2023, quanto para os próximos anos, é de resfriamento e não de aquecimento global, sendo que para as referidas regiões, em 2022, ele não vê grandes problemas com relação a falta de chuvas, mas chama a atenção para a entrada de pelo menos três massas de ar polar de maior risco: final de maio (de 25 a 30), início de junho (de 4 a 9), sendo a mais severa delas no final de julho (de 23 a 28). De acordo com a Assessoria de Comunicação do CNC, o professor Molion acredita que 2022 terá chuvas dentro da média, sendo que, neste quesito, “a preocupação maior é de outubro a dezembro, com uma redução de 25% a 30%”. Já para os próximos 15 anos, ele observa uma menor frequência de El Niños fortes, com chuvas mais localizadas e tempestades isoladas. Apesar da análise do professor Molion, ao final do mês de maio, uma projeção de condições secas no Brasil para o início de junho, foi um dos pontos que estimulou a cobertura de posições vendidas por parte de fundos de investimentos e especuladores colaborando para a elevação das cotações.
 3. Os fundamentos seguem colaborando, não somente para minar alguns ensaios de queda mais acentuados, mas também para que as cotações do café se aproximem de determinadas resistências em dadas ocasiões, sobretudo, nos momentos em que antecedem as frentes frias com potencial de frio mais intenso. Níveis de estoques globais reduzidos diante as intempéries climáticas dos últimos dois anos, que culminaram na quebra de produção, não somente do Brasil, mas também de outras origens, segue escorando os preços, evitando que as cotações do café intensifiquem as perdas que já vêm ocorrendo desde o mês de fevereiro, quando as cotações atingiram suas máximas e, em dados momentos, estimulando o café a testar determinadas resistências na parte superior do gráfico. No mês de maio, no Brasil, a Conab reduziu sua previsão de safra do mês de janeiro em 2,3 milhões de sacas, estimando um total de 53,4 milhões de sacas a serem colhidas no ano de 2022. Esta estimativa equivale a um acréscimo de 16,8% em relação à safra de 2021 e uma redução de 15,3% em relação à safra de 2020. Já na Colômbia, no dia 10 de maio, o CEO da Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia, Roberto Vélez, revelou que, devido ao excesso de chuva aliado ao forte inverno que atinge a Colômbia, a produção de café ficará entre 12 e 12,5 milhões de sacas no final de 2022. Vélez informou à Rádio Caracol da Colômbia que já são mais de dois anos do fenômeno La Niña e que lá, as chuvas dos últimos dois anos e meio, acima da média histórica, impactaram o florescimento dos cafezais, o que levou a uma queda na produtividade

colombiana. Com isso, a produção cujo parque cafeeiro vinha com potencial para produção de 14,5 milhões de sacas, agora deve girar em torno de 12 a 12,5 milhões de sacas. Além disso, exportações do país em abril haviam caído 18% (para 845.000 sacas) em comparação com o mesmo mês do ano anterior, o que também acabou dando suporte ao Arábica. Por outro lado, em relação ao consumo, muito embora, no decorrer do mês de maio, questões como a guerra da Rússia contra a Ucrânia e as medidas sanitárias da China contra o Covid-19 tenham deixado no ar a possibilidade de menor demanda de café no mundo, dados recentes da OIC – Organização Internacional do Café, conjecturam o retorno do crescimento do consumo global de café em 3,3%, o que também dá suporte às cotações. Ademais, relacionado às medidas sanitárias da China contra o Covid-19, é importante evidenciar o fato de que, ao final do mês de maio e início de junho, um cenário mais favorável, com flexibilização de determinadas restrições, tal como o encerramento do lockdown em Xangai, foram determinantes para a escalada das cotações.

4. Do dia 13/05 em diante, a desvalorização do dólar, tanto no cenário interno quanto externo, contribuiu para dar suporte às cotações do café nas principais Bolsas do mundo. Dentre os principais fatores que estimularam a queda do dólar, destaca-se a redução do número de casos de Covid-19 na China juntamente com a declaração do Presidente do FED - Federal Reserve (Banco Central Norte Americano), Jerome Powell, que afirmou que, apesar da política de aperto monetário não se encerrar até que a inflação caia para 2% ao ano nos EUA, não vê necessidade de, por hora, acentuar a taxa de juros norte americana além do que o previsto.
5. Fatores técnicos ao final do mês também deram suporte às cotações: Como mostra o gráfico, o mês de maio termina com as cotações do café acima das médias móveis de 10, 100 e 200 períodos, por conseguinte, um cenário técnico indicativo de que poder haver espaço para o rompimento de certos patamares, sobretudo, caso surja alguma novidade relacionada aos fundamentos. Apesar disso, é importante ressaltar que, tecnicamente, após as altas vistas no decorrer da última semana de maio e início de junho, o mercado acabou ficando sobrecomprado (as bandas de bollinger e o indicador estocástico confirmam), abrindo espaço para correções técnicas e realização de lucros.

Fatores de pressão ao mercado:

1. No início do mês de maio, as cotações do café Arábica na Ice Futures US (Bolsa de Nova Iorque), chegaram a romper importantes suportes, se aproximando da linha de 200 cents/lb.
2. Dentre os fatores que exerceram pressão sobre o mercado de café no início do mês, há de se destacar a valorização do dólar que gera estímulo baixista nas principais Bolsas de café do mundo:
 - ✓ No cenário global, as expectativas relacionadas ao aperto monetário nos Estados Unidos fizeram com que o DXY (Dollar Index), índice do Dólar Norte-Americano que mede a variação da referida moeda contra uma cesta de seis moedas, também

consideradas fortes, atingisse um pico não alcançado desde o final de 2002. De acordo com analistas econômicos, apesar do índice do dólar devolver parte dos ganhos acumulados, as incertezas que rondam o crescimento da economia global, com temores relacionados à inflação nas principais economias do mundo pressionando seus bancos centrais a acentuarem suas políticas de aperto monetário, tendem a seguir contribuindo para a elevação do índice do Dólar Norte-Americano nos próximos meses.

- ✓ No cenário nacional, muita volatilidade no câmbio. Refletindo, da mesma forma que no DXY, os receios quanto a desaceleração global em meio à persistente inflação, que leva à perspectiva de alta nas taxas de juros das principais economias do mundo, deram suporte a um movimento altista da moeda norte americana contra o Real, que se estendeu de 22/04 até 09/05. Daí em diante, o câmbio no Brasil seguiu o enfraquecimento do dólar no cenário externo em função de indícios menos negativos em relação às medidas contra o Covid-19 na China, diante uma redução no número de casos, elevando o apetite ao risco. Além disso, o elevado fluxo financeiro que a taxa de juros no Brasil atrai, segue sendo fator de pressão para as cotações do Dólar. No Brasil, a queda do dólar tende a pressionar as cotações do café no mercado físico haja vista a perda de valor que ocorre nas exportações em função da paridade menor do Dólar contra o Real.
- 3. O dilema que recentemente assolava diversas autoridades monetárias do mundo sobre confrontar a inflação por meio de uma política de aperto monetário, elevando taxas de juros, ou esquivar-se do risco de uma perda do ritmo da retomada econômica em uma conjuntura extremamente delicada, em meio à guerra entre Rússia e Ucrânia e ainda com alguns resquícios da pandemia do Covid-19 (tal como na China), parece estar tomando rumo. Os Bancos Centrais do Brasil e EUA já vêm conduzindo suas políticas monetárias para trazer a inflação para suas metas, ou seja, estão adotando uma política para controlar os níveis de preços, dentre eles os das commodities de um modo geral. Este é um forte indício de uma reversão do fluxo financeiro global, resultante da estratégia adotada pelos Bancos Centrais, a nível mundial, que no início do ano de 2020, iniciaram um processo de estímulo financeiro e desopressão monetária para combater o risco de recessão econômica alavancada pela perda de atividade econômica como consequência da Pandemia do Covid-19. Essa estratégia monetária, baseada no estímulo da atividade econômica, trouxe consigo um reflexo: a inflação global, que nos anos de 2020 e 2021 colaborou para a alta dos preços das commodities, tal como se observa no Índice CRB, principal índice de commodities do mundo (*e, sim, mesmo que não fossem as intempéries climáticas dos últimos dois anos, muito provavelmente as cotações do café subiriam surfando na onda das demais commodities, talvez não na mesma intensidade que ocorreu em função da seca e das geadas*). E, como forma de combater o resultado da política monetária adotada no início da pandemia, países como Brasil e EUA já estão revertendo suas estratégias e adotando uma postura de aperto monetário da qual outras nações e, até mesmo a própria zona do euro, até então, mais resistente em elevar os juros e retirar os estímulos, acabarão tendo que adotar. Muitos analistas creem que, com a mudança na

estratégia monetária global, as commodities tendem a iniciar um movimento de correção, portanto, uma mudança de um ciclo altista para um ciclo baixista que, até então, vem sendo atenuado pela guerra na Ucrânia e deve se iniciar de modo mais efetivo com o término do conflito. No caso do café, há de se ressaltar que esta mudança de ciclos também está sendo atenuada pelo quadro de aperto no abastecimento de curto prazo. Não à toa, o quadro de cotações futuras encontra-se no padrão invertido (backwardation), isto é, as cotações com vencimentos mais próximos estão mais valorizadas do que aquelas com vencimentos futuros.

Mensagem aos leitores:

“No curto prazo, mercado extremamente incerto. Fatores externos, tais como restrições contra covid-19 na China, a guerra entre Rússia e Ucrânia, a inflação e a mudança de estratégias em torno da política monetária das nações seguem no radar, hora estimulando e hora depreciando as cotações. Além disso, muita apreensão ocasionada pelo quadro de aperto na oferta de curto prazo que colidi com o mercado de clima e que deve seguir gerando oportunidades. E é neste quesito que os cafeicultores devem se atentar, às oportunidades. E, para cada produtor, o critério deve se dar conforme a estratégia que adotou nos últimos anos:

- Àqueles que ainda têm café para travar: aproveitem do mercado de clima para fazerem suas médias considerando sempre a margem de lucro. Não basta considerar apenas os bons preços, mas sempre conflitá-los com os atuais níveis de custos para se produzir. O que importa é a margem, não o preço do café. E de certo modo, para muitos cafeicultores, os atuais níveis de preços ainda lhes garante um pouco de lucro (um pouquinho de lucro não faz mal a ninguém).*
- Àqueles que já travaram tudo o que podia a preços inferiores aos atuais: Em muitos casos, os preços em que travaram nos anos anteriores para entrega atual não cobrem os atuais custos de produção. Desta forma, o prejuízo já é certo?? Não necessariamente. Para estes casos, uma estratégia a se pensar de modo a esquivar-se do prejuízo e, ainda, fazer margem é renegociar, ao menos uma parte do que travou, para entrega na safra do próximo ano. Muitas cooperativas já estão oferecendo esta alternativa. Assim, o produtor vende os cafés colhidos nesta safra aos níveis de preço atuais, o que lhes permitirá, ao menos, um resultado pouco melhor. Ainda, neste caso, fica o receio sobre a entrega que ficará para o próximo ciclo. Ou seja, o que farei lá na frente? Deverei entregar ou, se possível, renegociar? É um ponto a se analisar lá na frente, pois dependerá da conjuntura em que o mercado se encontrar.*

Varginha, 02 de maio de 2022.

Analista: João Marcelo Oliveira de Aguiar
Superintendente Executivo - Fundação Procafé